



O EPÍLOGO DO LOCALIZACIONISMO



Celso Antunes
Bacharel e licenciado em Geografia, especialista em Inteligência e Cognição e mestre em Ciências Humanas. Sócio-fundador do Todos pela Educação. Autor de mais de 180 livros didáticos e 60 educacionais

Moro na cidade de São Paulo, na Chácara Santo Antônio, um bairro de classe média na parte sul da cidade. Quando, por distração ou enfado, olho o mapa do bairro no GPS ou em uma planta geográfica, reconheço em escala o que sei por minhas caminhadas raras e avulsas. Vejo a Rua Verbo Divino, o Pueri Domus, colégio onde trabalhei por mais de quinze anos, a sapataria e até mesmo o shopping recém-aberto.

Essa referência vale para o mapa de qualquer lugar a que se vá ou se pretenda ir. Tempos atrás, essa mesma precisa distribuição se identificava com o que então se pensava sobre o cérebro humano. Este, desde os tempos de Descartes, era percebido como uma máquina complexa, composta de peças múltiplas, cada uma delas numa localização previamente atribuída, realizando sua função, de tal maneira que, se uma das peças fosse danificada, nada poderia ser feito para substituí-la.

A essa visão deu-se o nome de *localizacionismo*, conceito que era também estendido aos sentidos. Assim, visão, olfato, paladar, tato e audição dispunham de lugar definido, tal como os edifícios e lojas de meu bairro. Essa ideia, com o avanço dos estudos neurológicos, caiu por terra.



Mas, tendo lido até aqui, você diria: Tudo bem, foi um avanço, uma descoberta a ideia sobre pontos definidos de uma mente que, tal como grande orquestra, permite que se perceba o instrumento, mas a melodia se sobrepõe. Mas em que isso me afeta? Até onde essas revelações mexem com meu cotidiano?

A resposta é: não mexe em quase nada, a não ser que você seja professor ou aluno, gestor educacional ou pai angustiado pela formação de seu filho. Para estes, o epílogo da ideia localizacionista mostra que a plasticidade do cérebro humano é ampla, integral e ilimitada e que, nesse sentido, não é mais possível se pensar em aula igual para muitos alunos, lições similares para mentes diferentes. O fim da ideia localizacionista atira para longe o ensino massificado, os textos iguais para todos de uma mesma série, problemas similares para os quais todos devem buscar a resposta comum.

A plasticidade mental e o cérebro integral em oposição a uma mente compartimentada sinalizam para novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender, trocando professores que discursavam por mestres que desafiam, lições que existiam para fixar o conteúdo de aula passada por lições propositivas e individualizadas que antecedem a aula e que sugerem múltiplos caminhos, respostas que exaltam o valor da opinião e a força da singularidade.

O epílogo do localizacionismo sepulta de vez alunos vistos como manada caminhando submissos e temerosos para um mesmo exame comum. Eles passam a ser vistos como pessoas em sua integralidade, desafiados nos limites de sua inteligência e na força de seu poder competente. O epílogo do isolacionismo é a morte da aula emparedada, da exaltação da mediocridade. Como é fácil perceber, se você é pai, mestre ou aluno, o avanço neurológico tem tudo a ver com você e com os novos caminhos que necessita buscar. ■